Sonhos de famílias soterrados

Em meio a um "cenário de guerra", o sentimento entre os moradores era de desolação. Com as paredes das casas demolidas, ruíram não só tijolos e cimento, mas sonhos de muitas vidas. O militar André Lúcio Ricardo Couto, 38 anos, assistiu, em silêncio, à destruição do imóvel onde morou por 32 anos. Em 40 minutos, a casa construída por seus pais, com quatro quartos, duas salas, copa, cozinha e churrasqueira, veio abaixo.

A cada golpe da retroescavadeira, cômodos e mobílias iam sendo revelados. Portas de blindex, janelas de madeira e outros materiais adquiridos, recentemente, misturavam-se entre os escombros. "Não dá para acreditar que isto esteja acontecendo. Passei a maior parte da vida aí. Minha mãe está muito abalada", disse.

O comerciante Júlio Ronaldo Nunes, 42, vive a mesma dor. A edificação de três andares está prestes a ruir. Dentro dela estão todos os móveis e pertences da família, entre eles sete televisores, computador, jóias e equipamentos do tradicional bar que ele mantinha na parte de baixo da casa. "Meu pai não acreditava que a situação iria se prolongar, por isso, deixou todos os nossos móveis aí. Ele saiu pensando que ia voltar. Agora, no entanto, não dá mais para entrar. Fotos, mobílias antigas e objetos pessoais ficaram para trás. Tudo que meus pais construíram em uma vida de trabalho está lá dentro. Quando esse pesadelo acabar, vamos embora da cidade para recomeçar nossa vida."

O desespero da família de Ronaldo é tão grande que o pai dele, Gonçalves Ribeiro Nunes, 77, precisou ser contido pela Polícia Militar, na manhã de ontem, quando ultrapassou o cordão de isolamento, para tentar entrar na moradia. Interditada, a edificação está isolada e é uma das que apresentam maior comprometimento. "A dor deles é a nossa dor. Mas precisamos preservar o bem maior que é a vida", considerou o subsecretário da Defesa Civil, Sérgio Rocha.

Em meio a um "cenário de guerra", o sentimento entre os moradores era de desolação. Com as paredes das casas demolidas, ruíram não só tijolos e cimento, mas sonhos de muitas vidas. O militar André Lúcio Ricardo Couto, 38 anos, assistiu, em silêncio, à destruição do imóvel onde morou por 32 anos. Em 40 minutos, a casa construída por seus pais, com quatro quartos, duas salas, copa, cozinha e churrasqueira, veio abaixo.

A cada golpe da retroescavadeira, cômodos e mobílias iam sendo revelados. Portas de blindex, janelas de madeira e outros materiais adquiridos, recentemente, misturavam-se entre os escombros. "Não dá para acreditar que isto esteja acontecendo. Passei a maior parte da vida aí. Minha mãe está muito abalada", disse.

O comerciante Júlio Ronaldo Nunes, 42, vive a mesma dor. A edificação de três andares está prestes a ruir. Dentro dela estão todos os móveis e pertences da família, entre eles sete televisores, computador, jóias e equipamentos do tradicional bar que ele mantinha na parte de baixo da casa. "Meu pai não acreditava que a situação iria se prolongar, por isso, deixou todos os nossos móveis aí. Ele saiu pensando que ia voltar. Agora, no entanto, não dá mais para entrar. Fotos, mobílias antigas e objetos pessoais ficaram para trás. Tudo que meus pais construíram em uma vida de trabalho está lá dentro. Quando esse pesadelo acabar, vamos embora da cidade para recomeçar nossa vida."

O desespero da família de Ronaldo é tão grande que o pai dele, Gonçalves Ribeiro Nunes, 77, precisou ser contido pela Polícia Militar, na manhã de ontem, quando ultrapassou o cordão de isolamento, para tentar entrar na moradia. Interditada, a edificação está isolada e é uma das que apresentam maior comprometimento. "A dor deles é a nossa dor. Mas precisamos preservar o bem maior que é a vida", considerou o subsecretário da Defesa Civil, Sérgio Rocha.